

## **ARGENTINA E BRASIL: DÍVIDA E DESALENTO**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*IstoÉ-Senhor, 22.2.1989*

Foi com desalento que li na semana passada as notícias sobre a crise de Plano Primavera na Argentina. Mas meu desalento não foi menor do que aquele que ouvi de Juan Sorrouille, o competente Ministro da Economia daquele país, em um almoço que ficou famoso com o então Ministro da Fazenda do México, meu amigo Gustavo Petricioli, no restaurante Le Cirque, em Nova York, em setembro de 1987. Naquele almoço, quando estávamos constituindo o Grupo dos 3, de vida tão curta, disse-nos Sorrouille com sua voz pausada: "Sou o mais antigo dos três neste cargo. Há cerca de mil dias sou Ministro da Economia da Argentina. Eu e minha equipe, sempre com o pleno apoio do Presidente Alfonsín, temos feito tudo para ajustar a economia do meu país, e no entanto não conseguimos. A inflação e a estagnação estão sempre aí. Só há uma explicação: esta dívida externa enorme torna inútil todo o nosso esforço".

Da mesma forma que o Peru de Allan García demonstrou que é um erro não pagar a dívida sem ao mesmo tempo tomar internamente as medidas duras de ajustamento econômico, a Argentina de Alfonsín e Sorrouille mostram que a política econômica mais competente, que não faz qualquer concessão ao populismo, não resulta em nada quando ao mesmo tempo não se obtém a redução de uma dívida externa alta demais para poder ser paga.

A política econômica levada a cabo pela equipe de Sorrouille foi sempre extremamente competente. Foram os primeiros a fazer um choque heterodoxo - o Plano Austral - e desde o primeiro plano tinham muito claro para si próprios que um congelamento de preços devia ser acompanhado de políticas fiscais e monetárias muito duras. Pensavam dessa forma e praticaram o que pensavam. Nunca fizeram concessões ao populismo. Perderam as eleições parlamentares e para os governos estaduais em 1988 por essa razão. Entenderam sempre que o déficit público era o seu maior inimigo interno. São economistas de primeira qualidade: Canitrot, Machinea, Frenkel, entre outros.

Alguém poderá dizer, como li em um jornal paulista, que seu erro foi não ter sido capazes de zerar o déficit público. De fato não lograram, mas tentaram de todas as

formas. Para sempre verificarem que seus esforços tinham resultados perversos, eram self-defeating, dado o tamanho da dívida externa.

E o que acontece na Argentina repete-se no Brasil. Aqui também tentamos de todas as formas zerar o déficit público, mas sem resultado. A explicação corrente para esse fracasso é o populismo e a fraqueza do governo. Essa explicação dá conta de apenas um lado da verdade. Adotá-la, atribuir todos os nossos males à fraqueza e à incompetência de Sarney, ao populismo do PMDB e do PFL, à desorientação e ao conservadorismo medroso de nossas elites dirigentes é cair em um personalismo inaceitável. O outro lado é a dívida externa que levou os países endividados não apenas a transferir recursos reais para o exterior mas também à crise fiscal, resultando daí a inflação e a estagnação econômica.

Em um país como a Argentina, onde não se pode falar nem em populismo, nem em incompetência, onde o grande problema interno é a desorientação e o medo das elites, que impede a adoção de medidas unilaterais firmes em relação à dívida externa, não se chegou a melhor resultado do que no Brasil. E não se chegará no futuro enquanto não houver coragem para enfrentar o problema da dívida.